

A TERCEIRA MARGEM DO RISO: viagem a nenhuma parte

Raimundo Carvalho
(Letras-UFES)

"Sou apenas um homem.
Um homem pequenino à beira de um rio.
Vejo as águas que passam e não as compreendo."

Carlos Drummond de Andrade

"Mirar el río hecho de tiempo y agua
Y recordar que el tiempo es otro río,
Saber que nos perdemos como el río
Y que los rostros pasan como el agua."

Jorge Luis Borges

Introdução:

O objetivo desta leitura de "A Terceira Margem do Rio", de João Guimarães Rosa, é mergulhar nas suas águas, procurando reconstituir o percurso do inconsciente que maneja as teclas do texto, mas que sutilmente se deixa revelar, ficando, o mais das vezes, encoberto, recalcado, latente.

Em primeiro lugar, tal como um dos personagens, farei para mim uma canoa, uma canoa especial, "toda fabricada, escolhida forte e arqueada em rijo, própria para dever durar na água por uns vinte ou trinta anos". Trata-se da teoria psicanalítica veiculada por Lacan, cujos conceitos procurarei usar com parcimônia, comprometendo-me mais com o próprio texto. Segundo S. Felman, "Uma tal concepção de leitura procurará, não capturar o mistério, mas seguir de perto o percurso de sua fuga; não encontrar a "chave" do enigma, mas estudar sua estrutura; não reduzir a ambigüidade dos signos, mas compreender sua necessidade e seu funcionamento textual, retórico. A questão será, portanto, não de saber qual o sentido desta história, mas sobretudo como esta história significa, de que maneira o sentido - qualquer que ele seja - se inscreve e marca nela seu limite: a direção através da qual ele encalha."

Aplicando, portanto, o método da escuta flutuante e da livre associação de idéias, vê-se que se pode extrair do próprio título uma multiplicidade de significantes, em cuja cadeia desliza o sentido. A terceira margem do rio soa também como: a tecer a margem do rio, até ser a margem do rio, significantes estes que, conjugados com outros que procurarei evidenciar, podem jogar um papel importante no processo de desvelamento dos sentidos propostos pelo texto.

Abandonando provisoriamente o conto, chamo a atenção para as epígrafes utilizadas neste trabalho: elas me servem como ponte, intermediando o acesso ao texto rosiano e ajudando a definir o ponto de partida de minha reflexão, para que atinja a terceira margem do texto, a barra que separa e une a letra e o sentido aparente. A primeira, de Drummond, diz do meu estado de espírito face ao texto, e a segunda, de Borges, explicita uma das minhas intenções, ou seja, a de buscar ver no rio-texto uma metáfora do tempo que passa e das perdas que isso nos custa.

1. O NOME-DO-PAI

O texto se estrutura como a fala do filho a respeito do pai e de si mesmo, para a qual concorrem suas lembranças e as vozes dos outros, "as diversas sensatas pessoas, passadores, moradores das beiras, até do afastado da outra margem". Ao falar do pai, o filho fala de sua relação com esse pai. As marcas desse pai no discurso do filho são inúmeras. O nome-do-pai é introduzido logo nas duas primeiras palavras do texto do narrador-filho, e já sacralizado, pois a expressão "Nosso pai" é a fórmula religiosa "Pai Nosso" invertida, portanto investida de valores. Juntos ao nome-do-pai estão seus atributos, a lei, a ordem que regulam e permitem o acesso ao simbólico, ao mundo das relações e das trocas afetivas entre os seres. "Nosso pai era homem cumpridor, ordeiro, positivo; e sido assim desde mocinho e menino, pelo que testemunharam as diversas sensatas pessoas, quando indaguei a informação". A seguir, um elemento perturbador. Paradoxalmente quem sustenta essa estrutura baseada no nome-do-pai é a figura materna como atesta a letra do conto: "nossa mãe era quem regia, e que ralhava no diário com a gente — minha irmã e eu". Reger (função diretiva) e ralhar (função coercitiva) são algumas das atribuições do papel social a ser desempenhado pelo pai ou por quem ocupa o lugar do pai na estrutura familiar, o lugar do poder. A incidência aliterativa dos rr denota que esse poder era exercido de forma rígida e totalitária, a ponto de provocar a exclusão da figura paterna.

Com o afastamento do pai do espaço doméstico, a mãe procura obsessivamente preencher o espaço vazio da ausência através de substitutos: "Mandou vir o tio nosso, irmão dela, para auxiliar na fazenda e nos negócios. Mandou vir o mestre, para nós, os meninos. Incumbiu ao padre que um dia se revestisse, em praia de margem, para esconjurar e clamar a nosso pai o dever de desistir da tristonha teima. De outra parte, por arranjo dela, para medo, vieram os dois soldados." Tio materno, mestre-escola, padre, soldado, todos agentes reduplicadores da lei, do nome-do-pai.

Mais que a conteúdos evidentes chamo atenção para o ato mesmo da enunciação. Trata-se de um relembrar, de um reviver a experiência da cena infantil que se desdobra pela vida/conto afora, na tentativa de se livrar de um opressivo e intenso sentimento de culpa. A única forma de superá-lo é a sua enunciação, a sua dramatização no discurso, discurso que é também uma reduplicação do rio, enquanto espaço no qual se instala o pai. O pai está encajado dentro do discurso do filho, como no rio, sem ir a "nenhuma parte": "Sou homem de tristes palavras. De que era que eu tinha tanta culpa? Se o meu pai, sempre se fazendo ausência: e o rio-rio-rio, o rio-pondo perpétuo". A relação pai/filho se dá, pois, de forma paradoxal, através da tensão presença/ausência, isto é, presença no pensamento ("Tiro por mim, que, no que queria, e no que não queria, só com nosso pai me achava: assunto que jogava para trás meus pensamentos."), no discurso, nas reações corporais ("Eu mesmo tinha achaques, ânsias, cá de baixo, cansaços, perrengue de reumatismo.") e ausência física, distanciamento do espaço familiar. Dentro desta tensão, a figura do pai,

em vez de atuar como elemento libertador do filho de sua relação dual com a mãe, na qual os seres não se distinguem com clareza, provoca, ao contrário, reprodução desse estado de indistinção no imaginário do filho, anulando-o em sua autonomia e impedindo-o de desenvolver-se livremente e de dirigir o seu desejo, a sua libido para outra pessoa fora do grupo familiar.

A figura do pai vai sendo, à medida que o discurso progride, cada vez mais idealizada, sacralizada, identificada com o grande Pai: "(...) diziam: que nosso pai fosse avisado, que nem Noé," até tornar-se um fantasma evanescente, um vulto, alguém que parece vir da "parte de além".

A identificação do filho com o pai é tal que aquele é capaz de sentir em seu corpo os sintomas que imaginariamente pensa estarem acometendo o pai. A sua solidão é um espelho da solidão do pai no ermo do rio. O pai é descrito como um ser solitário, mas o verdadeiramente solitário é o filho. É ele que é abandonado por todos, primeiro pelo pai, depois pelos irmãos e pela mãe: "Minha irmã se mudou, com o marido, para longe daqui. Meu irmão resolveu e se foi, para uma cidade. Os tempos mudavam, no devagar depressa dos tempos. Nossa mãe terminou indo também, de uma vez, residir com minha irmã, ela estava envelhecida. Eu fiquei aqui, de resto. Eu nunca podia querer me casar. Eu permaneci com as bagagem da vida. Nosso pai carecia de mim, eu sei - na vagação, no rio no ermo - sem dar razão de seu feito". Ele termina por ficar só, sem saber o que fazer com o fantasma do pai a atormentar-lhe a consciência. Todos partem. Só ele permanece ali à margem, fiel a um lance de olhos, a um gesto, a uma promessa da infância. Fiel ao rio, qual Narciso, a mirar obsessivamente sua imagem especular, o reflexo ideal de si - a figura paterna e identificando-se plenamente com ela, pelo menos no nível imaginário da morte pressentida, na cadeia dos significantes que formam a rede do inconsciente, conforme expressa no último parágrafo, quando enuncia o desejo de que "ao menos no artigo da morte peguem em mim, e me depositem também numa canoinha de nada (...)"

2 .Rio: lugar de exclusão

Se o rio funciona para o narrador como o lugar da identificação imaginária com o pai, ele é, no plano real da ficção, lugar de exclusão. É no rio que o pai se auto-exila, se auto-exclui do espaço familiar, seja por loucura, por compromisso religioso ou por doença contagiosa (a lepra). Seja por qualquer destes motivos, o rio, por sua natureza cambiante, sempre funciona como lugar de errância, pois é, concomitantemente, origem e fim, nascimento e morte, lembrança e esquecimento. Por sua natureza, o rio é o tempo que passa e a eternidade que flui incessante. Além destes significados que remetem a um simbolismo, a uma psicologia das profundezas, amplamente instalados em nossa cultura (penso no simbolismo das muitas religiões, com seus ritos de iniciação, batismo, etc.) pode-se ver também o rio como uma grande barra que, à maneira da barra que perpassa o signo, separa uma margem da outra, criando assim um espaço terceiro, à maneira de um paradoxo. Esse é o espaço da ambigüidade do signo literário, no qual o sentido não se encontra em nenhuma parte especificamente, mas se deixa escrever aqui e lá, ali onde cintila a espuma do desejo inconsciente, a tagarelice desinteressada do texto.

Metaforicamente, o rio é a barra que separa e une essa equação signica pai/filho. O filho aqui é o significante barrado que jamais emerge à categoria de pai, de sujeito do discurso, sujeito de seu destino. O rio é também uma barra, na medida em que, apesar de sua natureza

fluida, serve como espaço de permanência absoluta da figura paterna, a ponto de, no imaginário do filho, um e outro (rio e pai) se tornarem uma só realidade. O rio é o pai porque pai e rio são fonte e origem do filho. O rio é o pai pois ambos são espelhos nos quais se mira o filho

3. Rio: lugar de fusão

Neste tópico quero retomar o jogo dos significantes já apontados do título do conto. A terceira margem do rio pode ser também a tecer a margem do rio, até ser a margem do rio. Tome-se a última frase do texto "e, eu, rio abaixo, rio a fora, rio a dentro, o rio". Nota-se no seu andamento o movimento do tecer, do urdir da costura, idéia implícita na sonoridade do título. E esse movimento é essencial para o filho porque trata-se, este, de um ser partido, fendido, incompleto, que vê na identificação imaginária com o pai a única possibilidade de completude. Mas esta identificação só pode se dar na morte, porque o filho carrega a culpa de ter matado o pai, seja desejando que ele morresse "em tororoma e no tombo da cachoeira", seja porque o medo o impediu de encarar o pai de perto em sua última e fantasmática aparição e tomar-lhe o lugar na canoa. Canoa que é, mais do que um duplo da casa, o falo, suporte imaginário nas relações de troca entre o inconsciente em formação e o Outro. Falo enquanto um objeto-fetice, orientador da pulsão e do desejo, um valor da ordem do imaginário, que não se confunde com o pênis real.

Resta ao narrador-filho ser a margem do rio, ser "o que não foi, o que vai ficar calado", marginalizado, sem acesso ao espaço simbólico, longe das possibilidades reais da existência. Resta-lhe o espaço mítico do rio, ali, na margem, a alimentar o fantasma do pai, sob a autorização tácita da mãe. Resta-lhe ficar, tal como o rio, "calado que sempre", morto para a linguagem. Talvez rindo, rindo, rindo, como se pode notar nas reiterações do significante rio. Rindo como um louco, no seu delírio/texto, no seu texto que é também um rio, um delírio de rio, risadas. Cortadas. Barradas. Culpadas.

Conclusão:

"Seja que, quando eu quis mesmo saber, e firme indaguei, me diz que disseram: que nosso pai, alguma vez tivesse revelado a explicação, ao homem que para ele aprontara a canoa".

Fiz no início uma aproximação - um tanto irônica, reconheço - entre a canoa do pai e a psicanálise. Tomei a "canoa" primeiro como possibilidade de trânsito entre uma margem e outra, entre o sentido e o non-sense. Além disso, o símbolo da "canoa" expressa bem a característica flutuante da atenção psicanalítica. Face ao texto literário, cabe ao analista - "solto, solitariamente" - nas águas do texto, flutuar entre os vários sentidos, sem jamais ancorar em algum, porque buscar o sentido absoluto do texto é tramar a morte do texto. E, ao contrário, é preciso que o texto viva, fale, flua, para além de toda explicação, seja a do homem que "aprontara a canoa", seja a dos que estão numa ou noutra margem.

BIBLIOGRAFIA

FELMAN, S. *La folie et la chose littéraire*. Paris, Seuil, 1978.

ROSA, João G. *Primeiras Estórias*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1978.